

Da estranheza ao estranhamento na fortuna crítica do *Eu*

Prof. Dr. Mario Cesar Newman de Queiroz (UFRRJ)

Resumo:

A poesia de Augusto dos Anjos recebeu logo na estreia atenção da crítica. O que causa certa surpresa, pois, como ressalta José Paulo Paes, tratava-se do primeiro livro de rapazola de província recém-chegado ao Rio de Janeiro sem inserção na vida literária da capital. Mas o que chama atenção também, e que se tornará por muitos anos um lugar comum crítico, é uma aceitação parcial da poesia de Augusto. Mesmo quando há um retumbante elogio, como fez Euricles de Matos, em *A Tribuna*, em 13 de junho de 1912, talvez apenas 7 dias após o lançamento, ao colocar o *Eu* como o acontecimento literário do ano, há sempre um senão, um remendo a ser feito. E esse senão recai exatamente, podemos perceber hoje, sobre o que torna a poesia de Augusto dos Anjos tão própria, tão singular: seu movimento de desterritorialização de temas e vocabulários de diferentes campos de leitura, dos almanaques, da filosofia, da religião, das gazetas, do cientificismo, sobretudo do cientificismo de Ernest Haeckel, para reterritorializá-los em seus procedimentos poéticos. Muito desse elogio com reprovação não se modificará mesmo com a retomada do autor pela crítica especializada, universitária dos anos 60 e 70, como buscaremos demonstrar. A situação somente começa a se transformar com o deslocamento da estranheza desabonadora para o estranhamento valorativo com José Paulo Paes já em meados dos anos 80. Foi preciso superar a desconfiança da primeira crítica, ainda pautada em valores românticos e impressionistas, a desconsideração dos modernistas (exceto Bandeira), a purgação ideológica da crítica universitária de muita gente consagrada, para que os traços singularizadores da poesia de Augusto fossem tratados com positividade. Acompanhar esse roteiro crítico é vital para aquilatar essa poesia e as limitações da crítica, mesmo a mais especializada.

Palavras Chave: Augusto dos Anjos, Poesia Brasileira, Crítica Literária.

1 As primeiras críticas: sucesso e senão

Conforme observou José Paulo Paes, a recepção crítica à poesia de Augusto dos Anjos foi consagradora, ainda mais sendo ele um provinciano recém-chegado ao Rio de Janeiro, sem inserção na vida literária da cidade (PAES, 1985, p.81). As ligações políticas da bancada nordestina na capital devem ter tido sua parcela de contribuição na difusão e principalmente na entrada para as redações dos jornais e no acesso aos críticos resenhistas do livro em seus primeiros momentos. Provavelmente no dia 06 de junho de 1912 terá saído o *Eu* da gráfica. Já no dia 09, Oscar Lopes escrevia em *O País*, uma pequena apreciação em que elogio e sentimento de estranheza se fundiam.

O Sr. Augusto dos Anjos, autor de um livro de versos intitulado *Eu*, fez barulho logo à chegada. A muita gente ele parecerá apenas um desequilibrado. O título escolhido para suas poesias é de uma ousadia rara. Algumas das composições são perfeitamente estranhas e caracterizadas por um evidente descaso por tudo quanto constitui a moeda corrente nas letras da nossa terra. Entretanto, passada a primeira impressão, o leitor verifica que dentro daquelas páginas palpita um espírito original que tanto verseja – e sempre com um singular poder musical – sobre temas exclusivamente bizarros, como entretece lindamente o formoso soneto “Vandalismo” (Apud MAGALHÃES JR, 1978, p.254)

Maiores elogios, viriam num artigo de Euricles de Matos, de 13 de junho, em *A Tribuna*, em que trechos de “Monólogo de uma sombra”, de “Os doentes” e o soneto “A árvore da serra” em sua integralidade eram transcritos, “A estréia de Augusto dos Anjos, posso adiantar, fica como o acontecimento poético do ano”. Mas antes do elogio rasgado salienta-se o comentário “Eu, ainda, é um livro estranho e novo, com algumas extravagâncias, alta filosofia e, rumorejam por aí, pretensiosa ciência” (Apud MAGALHÃES JR, 1978, p.255-6).

No dia seguinte, Nazareth de Meneses, médico, crítico literário e teatral, já comentava sobre o deslize da linguagem técnica do *Eu*, na *Gazeta de Notícias*. Começando por vincular o *Eu* à “irrequieta”, porém infrutífera tentativa de criar uma escola de poesia científica, o crítico salientava o “robusto talento, de um poeta correto, cultivador da forma e que sabe fazer o verso sonoro e cantante”, e transcrevia o soneto “O morcego”, além de citar os “Sonetos ao pai” para dar mostras do que afirmava sobre a “robustez” e “correção” do poeta. Mas, embora não frisasse nenhuma matriz específica, era no tocante à linguagem técnica que ele fazia suas restrições, ainda que arrematasse o artigo acreditando no talento do moço. “Nota-se em todas as páginas deste volume a preocupação constante da tecnologia. Os versos do Sr. Augusto dos Anjos perdem, por isso, grande parte do encanto que a forma lhes empresta”. E, após citar a segunda quadra do soneto “Último credo”, onde é forte a presença do monismo de Haeckel, acrescentava: “Ora, isso, positivamente, é um amontoado de palavras difíceis e nada mais” (Apud MAGALHÃES JR, 1978, p.257).

Osório Duque-Estrada em sua coluna “Registro literário”, de o *Correio da Manhã*, de 17 de junho, dedicou ao *Eu* o seu artigo. E já à abertura trata-o como “original e desequilibradíssimo poeta”. Obra, repleta de “coisas detestáveis e de coisas dignas de admiração”. O juízo do articulista terminava por concluir ser Augusto um grande talento transviado pelo cientificismo.

Um grande talento transviado pelo cientificismo; a promessa de um extraordinário poeta, abortada na alma de um filósofo – eis o que nos revela esse extravagante volume de versos, em que não poucas pérolas se misturam com o grosso cascalho dos exotismos estapafúrdios... /A verdade é que no livro de Augusto dos Anjos *mingua* a poesia, ao mesmo tempo que avultam a cada passo as aberrações. Triste verdade, principalmente para a crítica imparcial e sincera que fareja no autor do *Eu* um espírito de elite e uma inteligência capaz de grandes cometimentos (Apud MAGALHÃES JR, 1978, p.259).

Esse cientificismo que o transviava tinha nome, ou nomes, que, mostrava bem que Duque-Estrada tinha conhecimento de causa quando afirmara linhas antes sobre a presença de Haeckel no *Eu*.

A preocupação de originalidade, que tão nitidamente transparece até mesmo no título da obra, leva-o, não raro, a inverter a divisa *ars, nom artificium* de que tanto se orgulhava o equilibrado clássico latino, mas há, no fundo da complicada poesia do Sr. Augusto dos Anjos, o lastro de um cientista e de um esteta de raro merecimento. Não digo de um grande poeta, porque vazar em um pequeno volume de versos todo o monismo de Haeckel e grande parte do evolucionismo spenceriano, não é, positivamente, fazer obra de poeta e de artista (Apud MAGALHÃES JR, 1978, p.258).

Em 6 de julho saía na revista Fon-Fon um artigo de Mario Pederneiras sobre o *Eu*. Em meio a muito elogio, revelava. “É um livro estranho, cheio de altos e baixos, com um certo abuso exagerado na exibição de conhecimentos científicos, no uso dispensável de termos de ciência”(MAGALHÃES JR, 1978, p.263). Em 16 de julho, era o livro tratado por Hermes Fontes, excepcionalmente, o crítico era um poeta com certos traços de semelhança com Augusto, tece-lhe grandes elogios, mas ainda assim...

No livro *Eu*, de A.A., há muitas coisas que me desagradam, já pela monotonia das ideias e de módulos, já pela insistência em certos assuntos que perdem o condão de agradar e surpreender quando insistentes e crebros, já porque o ilustre poeta forceja por unificar os pontos de vista e os processos de sua arte (Apud MAGALHÃES JR, 1978, p.265).

A atenção da crítica era evidente e animou o novato que escreveria a sua mãe com bastante alegria sobre essa recepção bastante notada. Mas a crítica também apontava já o seu vocabulário científico e seu cientificismo de bases sobretudo haeckelinas como um desvio.

2 Depois do falecimento, em 1914, e a segunda edição em 1920

O poeta viria a falecer em 12 de novembro de 1914, na cidade de Leopoldina-MG. Antônio Torres publica o artigo “O poeta da morte” para homenageá-lo em 27 de dezembro de 1914, no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. Mais uma vez o paralelo entre a poesia de Augusto e o monismo de Haeckel é apontado, “era um monista convencido, pelo menos no princípio da sua vida. Via-se que a literatura demasiada de Haeckel e Spencer deixara-lhe um sulco profundo na inteligência” (in COUTINHO, 1973, p.28). Só que distintamente daquele de Duque-Estrada, neste artigo trechos de Augusto que remeteriam ao caráter “monista-evolucionista-transformista” de sua “inteligência” são transcritos – as duas primeiras estrofes de “Monólogo de uma sombra”, o último terceto de “Agonia de um filósofo” e os dois tercetos de “Último credo” – contudo, o paralelo deixa o outro lado implícito sobre o que hoje nos parece obscuro, se assim também não o fosse para muitos na época. Ou seja, somente poderia perceber aquilo a que o crítico se referia o leitor que tivesse conhecimento daquelas fontes, sem ainda assim que se demonstrasse como aqueles componentes funcionavam na estruturação dos poemas, na poética de Augusto dos Anjos.

E não há como não perceber mais uma vez, entre os elogios ao talento do poeta, o desabono aqui a algo indefinido como deslizes de expressão produzidos pelo sectarismo cientificista. Deslizes a que à intenção salutar da crítica torna indignos de serem apontados.

Nem sempre o seu amor à “realidade” aparente dos fenômenos lhe dava as expressões mais felizes. Mais de uma vez o seu materialismo o fez deslizar inconscientemente em expressões brutais e imagens rebarbativas, por vezes absolutamente intoleráveis. Não as apontarei.

Com a morte e o lançamento da segunda edição do *Eu*, surge também a necessidade de explicar o caso Augusto dos Anjos. Preocupação comum que está manifesta no artigo de Alceu Amoroso Lima, de 1920, pois segundo Amoroso Lima há 3 explicações que devem estar à época sendo comentadas, temperamento, originalidade e mimetismo. Mas no

artigo, sem descartá-las por completo, o crítico prefere entender os “excessos” do poeta por um “*epater le bourgeois*” e entre elogios podemos continuar a perceber a não aceitação do “cientificismo” da poesia de Augusto.

Quanto ao desejo de originalidade, queiram ou não os seus apologistas, é evidente na sua forma poética e sobretudo na terminologia científica ou necrófila e na preocupação da rima rica de que inutilmente abusa. Nenhum dos desvios de sua imaginação ou da linguagem consegue, no entanto, marear o sofrimento e o pessimismo substanciais a essa grande alma infeliz e liberta de poeta, alheio a escolas, embora não a influências, a quem a moléstia e a morte impediram de subir mais alto (LIMA, 1966, p.177-8).

Também à época da 2ª edição, em 22 de março de 1920, saía a resenha de João Ribeiro, intitulada, “O poeta do *Eu*”. Ali a doença assumia papel relevante na avaliação crítica do autor. “Era um doente que cantava a própria miséria do sofrimento sem esperança. Materialista, professava a filosofia do mais abstruso ateísmo”(in COUTINHO, 1973, p.120). Este materialismo de abstruso ateísmo era logo identificado e condenado.

É grave... para filósofos que andam a pesquisar velharias centenárias em princípio de mineralização.

Como quer que seja, Augusto dos Anjos abeberara-se a teorias haeckelianas, falava de moneras, ontogêneses e filogênese, e envenenava-se de todos os ceticismos ambientes.

Louvaria porém a força da arte do poeta, mas fazendo a ressalva quanto ao seu princípio (seu materialismo ateu haeckeliano) inspirador ser equivocado, “e apesar de tudo era poderosa e opulenta na errada inspiração dos seus versos” (in COUTINHO, 1973, p.121).

Nessa seara de vinculações com doença, o exemplo mais notável de dificuldade crítica sobre a obra de Augusto dos Anjos está no trabalho do psiquiatra A.L. Nobre de Melo, *Augusto dos Anjos e as origens de sua arte poética*, atribuindo o caráter mórbido da poesia de Augusto a um certo conjunto de sintomas psíquicos dos acometidos de tuberculose.

3 Alta qualidade e deslize cientificista

Dois textos, sobretudo, são exemplares no tocante a apontar a alta qualidade do poeta Augusto dos Anjos e em que a presença do cientificismo e particularmente do monismo de Haeckel surgem como deslize, “Um livro imortal” de Agrippino Grieco e o breve comentário de Otto Maria Carpeaux sobre Augusto dos Anjos em sua *História da literatura ocidental*. O artigo de Agripino Grieco saíra originariamente em *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em 16/09/1926. É um artigo que não poupa elogios ao autor já falecido. Começa, no entanto, por apresentar um quadro aparentemente desabonador de sua poesia.

Saturado dos resíduos, bem nortistas, de um cientificismo tobiesco, de epígono retardado da escola do Recife, Augusto dos Anjos aproveitou os últimos lampejos de evolucionismo de Haeckel e Spencer, sobrecarregando os seus versos de expressões arrevesadas, que tresandam a compêndio para exame: moneras, caos telúrico, cósmico segredo, movimentos rotatórios, metapsiquismo, tropismo, vida fenomênica, desespero endêmico, eterizações, energia intra-atômica, quimiotaxia, estratificações,

zooplasma, megatérios, eclipse, dialética, fonemas, fotosferas etc..(In COUTINHO, 1973, p.141).

Ao que, complementa mais adiante... “Alinhava estrofes que cheiram à salmoura de cadáveres do anfiteatro da Santa Casa, praticando, a rigor, o Romantismo do Macabro”. Este macabro seria movido por uma certa “volúpia feroz de escandalizar o burguês” o que denotaria um traço aristocrático. O resultado desta fatura seria um autor difícil de ser enquadrado dentro dos movimentos poéticos, ficando entre os “out-law da arte”.

Mas que poeta era êle quando se evadia da obsessão fisiológica, cirúrgica, patológica em suma, e abria as janelas e se limpava e se arejava! Deixando a paródia rítmica, da ciência materialista do monismo e de outras teorias em bancarrota, e contentando-se com ser apenas lírico, num amargor ainda assim otimista, porque não se insulta assim senão aquilo que ainda se ama, fêz coisas que nos consolam ser patrícios de tantos cérebros subalternos e nos reconciliam com a tão injuriada língua portuguesa, mostrando que ela também possui acústica para a repercussão das vozes eternas (In COUTINHO, 1973, p.144).

Mais uma vez era o poeta louvado apesar de um enorme apesar. Como o faria também Otto Maria Carpeaux evidenciando mais uma vez a junção de alta qualidade artística com estranheza.

Cesário Verde poderia ter sido o maior poeta do naturalismo. Se alguém se lhe compara, é um poeta brasileiro, que ele influenciou: Augusto dos Anjos, o poeta da “angústia absurda e tragicômica”, prejudicado pela forma parnasiana e mais gravemente prejudicado pelo mau gosto da ‘linguagem científica’ dos meio-cultos que o provinciano adotou. Admitindo-se tudo isso, ainda resta mais do que um melancólico fúnebre, um pessimista furioso o autor de *As cismas do Destino* e *Último credo* é o poeta mais estranho e mais original da literatura brasileira (CARPEAUX, 1987, 1587).

Como pode existir um grande poeta prejudicado pelas palavras que usa em suas poesias? É uma estranha construção crítica que se monta em torno da pequena obra de Augusto, talvez a acrescentar ainda mais estranheza a sua obra. Parece que é orientando-se contra esta estranha construção crítica em torno da estranheza linguística de Augusto que um novo momento crítico em torno desse autor deveria se iniciar. Mas como veremos demoraria.

Quando em 1928 é lançada a 3ª edição do *Eu*, agora acrescido dos poemas sob o título de “Outras poesias”, diante do enorme sucesso de livraria, “três mil volumes escoados em quinze dias!”, Medeiros e Albuquerque entre elogios não esquece de vincular a poética de Augusto a um “caso patológico”, em que novamente a tuberculose viria como explicação de seus traços mórbidos, obsessivos. Em que novamente a linguagem técnica científica era vista como “desqualificadora” da capacidade poética do autor. E tal como procedeu Orris Soares ao prefaciar a 2ª edição de 1920, a escolha dos poemas que demonstrariam a alta qualidade do poeta recaem sobre aqueles que não apresentam a linguagem científicista. E mais uma vez o poeta é elogiado com uma brutal senão. “O seu livro não tem igual na nossa literatura. É uma monstruosidade. O que há apenas é que sob tal monstruosidade palpita um formidável talento” (in COUTINHO, 1973, p. 151).

Sem nos atermos mais em muitos outros trabalhos de nomes importantes da crítica e da nossa história literária, devemos começar a nos deter nos leitores que marcam uma virada crítica na consideração dos até então “senões” que despontam na poesia de Augusto dos Anjos.

4 Vozes de longe

Talvez a única visada crítica à época das primeiras edições do *Eu* que compreende o vocabulário e as referências científicas na poesia de Augusto dos Anjos em sua positividade está em Gilberto Freyre, numa conferência pronunciada em Boston, e por lá publicada em 1924. A “angulosidade de expressão” servida pelo “conhecimento de palavras duramente científicas” (FREYRE, 1987, p.135) dava à poesia de Augusto um sabor semelhante ao das “decomposições” dos expressionistas alemães. E na comparação com Strindberg, Baudelaire e Poe o ainda desconhecido autor paraibano saía-se no texto de Freyre muito bem aquilatado. Mas este texto de Gilberto Freyre se entronizaria na crítica brasileira somente bem mais tarde com a publicação em *Perfil de Euclides e outros perfis*, em 1944, sem produzir grandes alterações naquela linha crítica central.

Na crítica de Gilberto Freyre a presença de Haeckel ocupa papel central na obra do nosso poeta, o autor alemão é algumas vezes referido, porém o mais interessante é que, ainda que na brevidade do trabalho Gilberto Freyre não esclareça onde estariam as marcas dessa presença, a determinação de uma função para estas marcas na obra de Augusto fica bastante clara.

Havia em Augusto uma fome mal reprimida de valores espirituais; uma corrente de misticismo lutava dentro dele contra a fortaleza haeckeliana em que se refugiara com sua doença e com suas atitudes de sadista que fosse também um masoquista, desejoso, talvez, de ser esmagado por uma filosofia contrária à sua (FREYRE, 1987, p.134).

Coincidência ou não, seria no trabalho de Anatol Rosenfeld, publicado em seu livro *Texto e contexto*, em 1969, e em que a comparação com a poesia do expressionismo alemão é central, que poderíamos situar uma das primeiras críticas feitas aqui em que o vocabulário utilizado por Augusto é avaliado em sua positividade.

O termo exótico em particular, inserido no campo do vocabulário familiar, passa a ser núcleo irradiador de tensões. Da mesma forma como as palavras, o mundo de Augusto dos Anjos é, por assim dizer, na sua essência proparoxítono, esdrúxulo, dissonante (In ANJOS, 1994, p.188).

No entanto, mais uma vez o esforço crítico busca apontar, mas ao mesmo tempo afastar a presença haeckeliana, ou reduzir-lhe o peso e a importância; e, contraditoriamente, destacam termos incontestavelmente desta extração. É como podemos ver no texto de Rosenfeld, ao mesmo tempo em que afirma que

a influência de Schopenhauer sobre Augusto dos Anjos afigura-se muito mais profunda do que a de Haeckel e Spencer; alguns dos seus maiores poemas como “Na forja” e “A floresta”, parecem inimagináveis sem a assimilação do pensamento do filósofo alemão (In ANJOS, 1994, p.188).

A comparação esclarecedora com a poesia de Benn, feita por Rosenfeld, irá levantar termos e expressões encontráveis em Haeckel, num contexto bastante elucidativo das poesias de Augusto, e outros termos que são como “marcas registradas” do cientista alemão: “feixe de monadas bastardas”, “semelhantes aos zoófitos e as lianas”, “filogenética vingança”, “saudade da monera”. E, como veremos também oportunamente, expressões como “toda a imortalidade da substância” e “coléras dos dualismos implacáveis” se podem ser vistas sob um viés schopenhaueriano, também o podem, e seguramente com maior precisão, sob uma ótica haeckeliana. A questão aqui se pauta em outro viés, porém.

A leitura de Haeckel foi importante para a formação dos nazistas, e como Anatol Rosenfeld poderia elogiar Augusto dos Anjos e valorizar seus “conteúdos” haeckelianos? Ao nosso ver aqui há uma questão de ideologia da crítica que não pode ser desprezada. Como o há também no caso de famoso trabalho de Lúcia Helena.

5 Um cientificismo ainda sem lugar e o estranhamento

Um trabalho inicialmente apresentado como dissertação de mestrado e publicado em 1977, por uma ainda bastante jovem Lucía Helena, *A cosmo-agonia de Augusto dos Anjos*, se inicia com a indicação de um audacioso corte com relação às leituras anteriores sobre o poeta.

A leitura que vamos empreender considera, portanto, a obra de Augusto dos Anjos como a manifestação poética de um jogo híbrido – nascimento/vida/morte/re-nascimento – que nada tem a ver com o que leituras anteriormente feitas sobre o poeta, e influenciadas pelo monismo e pelo cientificismo positivista, afirmaram (HELENA, 1977, p.12).

A presença do monismo de Haeckel, bem como do cientificismo de Spencer, era assim mais uma vez afastada, agora por um movimento deliberado de recusa de possibilidade de leitura, sem que efetivamente essa leitura baseada no monismo e no positivismo tivesse sido feita antes. É neste intrínseco movimento de “ideologia” de leitura que podemos entender a sua afirmação de não haver vocabulário científico usado pelo poeta, mas “tão e somente o dizer poético da linguagem” (HELENA, 1977, p.22), que o vocabulário científico somente seria científico nos textos científicos, pois o seu intento é o de resguardar a poesia de Augusto da vinculação com aqueles sistemas de pensamento vistos como superados. Deslocando o léxico científico de suas fontes como se com isso pudesse deslocar o que sempre fora tido como deslize para fora do âmbito da poesia de Augusto. Esse movimento de deslizamento do “deslize cientificista” se justificava ainda mais tendo em vista a autora querer vincular o poeta ao modernismo

Mesmo que sua poesia não tenha sido ‘descoberta’ pelos primeiros modernistas, não há como negar, no *Eu*, a configuração de alguns procedimentos caracterizadores da transformação poética (em sentido amplo) desencadeada pelo Modernismo e por atitudes estéticas que lhe foram precursoras (HELENA, 1977, p.23).

Podemos compreender melhor então o que ela determinava como “leituras influenciadas” pelo monismo e pelo positivismo como sendo aquelas que viam o

vocabulário científico e mesmo toda e qualquer possível presença do pensamento daqueles como ponto fraco da poesia de Augusto dos Anjos. Era isto que a autora se recusava fazer desmembrar a poesia do léxico que a constitui, mas um “preconceito modernista” a levava para um outro desmembramento, o léxico para ser “redimido” precisava ser desmembrado de seu território de origem. Novamente os autores prediletos de Augusto, aqueles que ele evocava em seus textos, eram lembrados para serem esquecidos. Criava-se, assim, ao se seguir uma tal ruptura para com as leituras anteriores um enorme centro escuro na poesia de Augusto.

Verdadeira ruptura crítica de leitura, mais ou menos simultaneamente àquele texto de Lucia Helena, viria num trabalho de Luiz Costa Lima – apresentado originalmente em 1976, com uma segunda versão em 1990 – que, no entanto, retomava o mote da necessidade de se explicar o fenômeno Augusto dos Anjos. A ruptura se fazia sem proclame, retomando leituras anteriores como as de Gilberto Freyre, Fausto Cunha, Anatol Rosenfeld, mas é talvez um dos primeiros trabalhos críticos sobre o poeta em que, sem negar a importância das bases científicas presentes nos textos do poeta, faz efetivamente uma leitura que ultrapassa esse círculo.

Conforme Luiz Costa Lima, grande parte do esforço do pensamento poético de Augusto dos Anjos estaria centrado em apagar o que no homem está vinculado à sua origem sexual, a constituir um “complexo da boca”. A ciência e a arte surgiriam assim, contra o horror sexual, “como anuladoras de *eros*”, tarefa fadada ao fracasso, no entanto. Uma vez inserida no contexto dos poemas, a deserotização intentada saía dos trilhos e se perdia. O complexo da boca se constituiria a partir do horror ao circuito de devoração e reprodução sexual. Espaço em que o exterior se interioriza no corpo, a boca, reverso do ânus, presentifica, nas tarefas de comer e beijar, a nutrição e o sexo. A palavra fria e dura da ciência poderia desterritorializar essas duas atividades da boca e reterritorializá-la num espaço livre daquele ciclo da vida que se estende do carbono ao verme?

Dizendo-o de modo mais explícito: a origem supõe uma boca sanguessuga, que se nutre de e fecunda outras sanguessugas, por sua vez cercadas de bocas dotadas da mesma voracidade. (...) Do corpo enquanto vertical, os vermes apenas se adiam, à espera do retorno à horizontalidade da origem. Nascido do carbono, como se apraz em dizer o cientificismo do poeta, o corpo é fecundado pela boca sugadora do sexo e cumpre sua rota de germinações até retornar à voracidade dos vermes. O que vive é sempre pasto de alguma boca (LIMA, 1991, p.227).

Algo dessa deserotização seria alcançada na valorização da vida vegetal: “Este é o campo desbloqueado, onde o lirismo é livre e não sacudido pelo horror da sexualidade” (LIMA, 1991, 230). Uma origem, possível à vida, mas interdita ao animal, ali se ofereceria e a ela o poeta aspira, por isso uma voz poética que se orgulhava de em seus versos não falar de amor, no poema “Vozes da morte” vazar todo seu afeto, num casamento material pós-morte, para com um pé de tamarindo.

Na leitura de Luiz Costa Lima o desejo é posto no centro da articulação não apenas das partes constitutivas do texto de Augusto dos Anjos, mas também na articulação com o leitor. Enfatizando que o público do poeta sempre tivera origem nos grupos populares, pode-se entrever como “justamente pelo vocábulo difícil, áspero, longo, incompreensível”, por seu “mau gosto estentóric”, por tudo que o tornava altissonante, emolado na proclamação de sua miséria e melancolia produzia a empatia com o público. Assim a

linguagem se re-erotiza “com uma força e uma direção imprevisíveis pelo autor: torna-se a linguagem em que o público popular encontra a possibilidade de expressar seu *desejo*: o desejo doutra vida e doutra origem (social)” (LIMA, 1991,p.235). Ao que acrescenta ainda, que mesmo para o público mais intelectualizado um fator toma vulto na obra de Augusto, o de ser um dos poetas mais originais que tivemos.

Se nesta panorâmica, que não abrange a totalidade da fortuna crítica de Augusto dos Anjos, chegamos a uma ruptura proporcionada pelas leituras de Gilberto Freyre, Anatol Rosenfeld e Luiz Costa Lima, de uma tradição que se formou em apontar certos traços para, sem evidenciá-los, afastá-los; e de elogiar o poeta fazendo ressalvas a sua linguagem, podemos concluí-la indicando um texto em que uma retomada é feita. Retomada decisiva, podemos dizer que uma retomada do que nunca fôra feito, apresentada por José Paulo Paes em texto introdutório a uma antologia de Augusto dos Anjos, pela editora Global, em 1985. Assim como em ensaios de Gregos e Baianos, também de 1985. Então pudemos perceber com alegria que de certo modo dávamos continuidade ao trabalho de José Paulo Paes, aprofundando-o no esforço de tornar evidentes os traços haeckelianos, spencerianos e schopenhaurianos presentes na poesia de Augusto, em tese defendida em 2004.

6 Da estranheza ao estranhamento

Grandiosidade e estranheza são os dois pareceres simultâneos que a crítica entrelaçou ao comentar a obra de Augusto. Essa estranheza seria resultante de uma série de opções temáticas – pessimistas, escatológicas, de necrotério, “por todos os males terrenos”, por uma “paixão pela miséria”, pelo sofrimento –, por um lado, e, sobretudo, por uma mentação cientificista e um filosofismo pessimista, por outro. Essa mentação atuaria num largo espectro dentro da poética de Augusto, desde as escolhas temáticas às vocabulares, passando pela reapropriação de imagens. Assim o núcleo da estranheza produzida na poesia de Augusto dos Anjos estaria verdadeiramente na orientação cientificista e filosófica adotada pelo poeta. E dentro deste núcleo ocuparia papel de destaque a filosofia evolucionista denominada monismo, do biólogo alemão Ernest Haeckel. No entanto, este núcleo nunca foi explicitado como se a simples menção a ele nos fizesse ter ciência do que se trata em sua importância, abrangência e modo de atuação dentro da poesia de Augusto.

O que nos parece ter-se dado no caso foi uma dessintonia entre os procedimentos poéticos adotados por Augusto e a concepção de “originalidade” e autenticidade poética dos leitores críticos seus contemporâneos. E posteriormente, quando a presença de Haeckel já deixa de ser vigente, passando a vigorar apenas como personagem da história das ciências, essa obviedade que dispensa qualquer apresentação parece já haver se esgarçado, não sendo mais importante para a avaliação da obra, podendo inclusive vir a comprometê-la agora com um contexto que, na menos pior das hipóteses, somente reforçaria seu estado ultrapassado. Essa última posição se torna ainda mais evidente em trabalhos que buscam identificar traços modernistas no poeta.

O que nos parece relevante também é que a estranheza a que a crítica sempre achou a poesia de Augusto dos Anjos por demais dotada, mesmo quando um mero porém diante da alta qualidade evidente do poeta, não esconde a natureza comum com a idéia de estranhamento a que a teoria literária, a partir do formalismo russo e do estruturalismo, nos ensinou a pensar o literário. O caráter diferente da poesia de Augusto, percebido tantas vezes como desequilíbrio, deslize, etc, hoje já pode ser compreendido como a sua irredutível diferença.

Referências Bibliográficas

- 1 ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*. Organização de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- 2 _____. *Eu*. Organização de Antonio Houaiss e Francisco de Assis Barbosa. 30ª ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1965.
- 3 CARPEAUX: Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. 3 ed. Rio de Janeiro: Alhambra, 1987. v.6.
- 4 COUTINHO, Afrânio; BRAYNER, Sônia (Org.) *Augusto dos Anjos: textos críticos*. Brasília: INL, 1973.
- 5 FREYRE, Gilberto. Augusto dos Anjos entre a mística e a história natural. In: _____. *Perfil de Euclides e outros perfis*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- 6 GRIECO, Agripino. Um livro imortal. In: COUTINHO, Afrânio; BRAYNER, Sônia. *Augusto dos Anjos: Textos críticos*. Brasília: INL, 1973.
- 7 HELENA, Lucia. *A cosmo-agonia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.
- 8 LIMA, Alceu Amoroso. *Estudos Literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966.
- 9 LIMA, Luiz Costa. *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- 10 MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Poesia e vida de Augusto dos Anjos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL/MEC, 1978.
- 11 MEDEIROS E ALBUQUERQUE. O livro mais estupendo: o “Eu”. In: COUTINHO, Afrânio; BRAYNER, Sônia (Org.) *Augusto dos Anjos: textos críticos*. Brasília: INL, 1973.
- 12 MELO, A.L. Nobre de. *Augusto dos Anjos e as origens de sua arte poética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942. p.66.
- 13 PAES, José Paulo. Augusto dos Anjos e o *Art nouveau*. In: _____. *Gregos & Baianos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- 14 _____. Augusto dos Anjos ou o evolucionismo às avessas. In: *Augusto dos Anjos: melhores poemas*. 4 ed. São Paulo: Global, 2003. [1985]
- 15 ROSENFELD, Anatol. A costela de prata de Augusto dos Anjos. In: ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. “Fortuna Crítica”.
- 16 TORRES, Antônio. “O poeta da morte”. In: COUTINHO, Afrânio; BRAYNER, Sônia. *Augusto dos Anjos: Textos críticos*. Brasília: INL, 1973.